



X Fórum Nacional NEPEG

de Formação de Professores de Geografia

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

ENSINAR LUGAR E PAISAGEM PARA O 6º ANO COM O POEMA “CIDADEZINHA QUALQUER” DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Wellington Gabriel de Borba
Professor da SEDUC – GO e membro da RECCI – UFG
wellingtonborba@gmail.com

Resumo: Este trabalho demonstra a importância das categorias de lugar e paisagem para o currículo oficial de uma rede pública de ensino e reconhece no livro didático de geografia fragilidades quanto ao ensino dessas categorias. Sendo assim, propõe aos professores de geografia a literatura como um caminho metodológico alternativo ao livro. Para isso, toma como exemplo o poema Cidadezinha Qualquer, de autoria do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade e no qual as categorias de lugar e paisagem podem ser reconhecidas. É consultado o currículo oficial da rede estadual de ensino de Goiás para compreender a importância do lugar e da paisagem para o ensino de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental. São referenciados os conceitos de lugar e paisagem publicados por outros autores, também apontados os potenciais da literatura para a pesquisa e para o ensino de Geografia e as fragilidades encontradas em livros didáticos da disciplina, o que serve à comparação com outra obra adotada na rede pública de ensino goiana. Por fim, é analisado o texto do poema Cidadezinha Qualquer publicado em um livro de Carlos Drummond de Andrade. Fica constatado que a literatura, através do poema em questão, serve como ponto de partida para discussão que permitam conceituar as categorias, bem como realizar exercícios de reflexões que as tome a partir da realidade dos estudantes.

Palavras-Chave: Literatura. Livro Didático. Currículo de Geografia. Categorias da Geografia.

Introdução

De acordo com a versão experimental do Currículo Referência da Rede Estadual de Ensino de Goiás vigente em 2019, é necessário ao estudante compreender os conceitos de lugar e paisagem através da disciplina de Geografia (GOIÁS, 2013). O livro didático, muitas

vezes a única ferramenta disponível ao professor, traz estes conceitos, porém em muitas situações de maneira estanque, sem tomar a realidade do estudante como ponto de partida e limitada a uma única unidade de todo o percurso, mesmo que as categorias sejam pertinentes em todo decorrer dos ensinamentos Fundamental e Médio.

Tendo em vista essa necessidade e as limitações, o professor de geografia pode e deve lançar mão de outros caminhos para realizar suas aulas e com isso abordar conceitos como o de lugar e paisagem. Essa abordagem deve buscar mais do que estabelecer conceitos, deve ser significativa ao estudante. Neste contexto, a literatura se desponta como uma possibilidade alternativa ao livro didático, pois conforme a obra compartimenta os conteúdos e se manifesta enquanto uma linguagem alternativa ao livro didático, promovendo outra experiência ao estudante.

Este trabalho toma com inspiração as aulas de geografia realizadas em uma escola estadual da periferia de Geografia e para turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. Porém, tem por objetivo fazer apontamentos relacionando o potencial pedagógico da Literatura, através do poema *Cidadezinha Qualquer* de Carlos Drummond de Andrade, com os conceitos de lugar e paisagem para os estudantes do público delimitado.

Para isso é apresentada uma revisão bibliográfica de caráter exploratório sobre os conceitos de lugar e de paisagem e da pertinência desses no currículo básico da rede estadual de ensino de Goiás. Também traz problematizações que outros autores fazem sobre as limitações apresentadas pelo livro didático ao abordar essas categorias, especificamente a de lugar, e de como a literatura auxilia a pesquisa e o ensino da Geografia. São consultados livros e artigos científicos publicados na internet, a versão experimental do currículo adotado na rede estadual de ensino de Goiás e um livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade.

Os conceitos de lugar e paisagem

O lugar é definido para os estudantes como “a porção do espaço com a qual a pessoa vive e com a qual se identifica, ou seja, se sente pertencente”. Esta definição, simples para ser acessível à compreensão do estudante de 6º Ano do Ensino Fundamental, tem inspiração no que é trazido por Carlos (1996), que informa

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *triade habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas

condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007. Pp. 17).

A definição de Carlos (2007) toma como referência Milton Santos, geógrafo que, de acordo com Schneider (2015), está agrupado na geografia crítica e para o qual “a especificidade do lugar provém do papel que este representa como singularidade atravessada por fluxos globais e locais e com os quais mantém uma relação dialética.” (SCHNEIDER, 2015. P. 67).

Porém essa definição de lugar dada aos estudantes também toma como premissa a geografia humanista, uma vez que considera o lugar como o espaço de vivência e com o qual as pessoas estabelecem relações afetivas, dando uma dimensão humana à categoria que o geógrafo Yi-Fu Tuan define como toponímia (SCHNEIDER, 2015. P. 67).

Em relação à paisagem, são comuns as situações em que boa parte dos estudantes das turmas de 6º ano relacionam esse conceito apenas a ambientes de natureza formosa como praias, montanhas, cachoeiras e afins. Essa concepção é simples e cabe ao professor de Geografia ampliá-la, pois a paisagem é muito mais do que isso. De acordo com Milton Santos (1988) a paisagem é “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1988. P. 21)

Tendo em vista que a versão experimental do Currículo Referência da rede estadual de ensino de Goiás vigente em 2019 estipulava como objetivos “Ler/interpretar, comparar e diferenciar paisagens – rural e urbana com base na observação direta do espaço geográfico” e “Ler/interpretar mapas digitais, fotos aéreas, imagens de satélite em sites, revistas, jornais, entre outros, e percebê-las como evolução tecnológica da representação.” (GOIÁS, 2013. Pp. 193-194), entende-se como necessário ampliar ainda mais o conceito de paisagem. Com isso, a categoria é dividida em duas, a paisagem natural e a paisagem artificial. Retornando ao professor Milton Santos (1988), “A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano.” (SANTOS, 1988. P. 23) O autor também situa a categoria como um produto das interações humanas

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento.

Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos (SANTOS, 1988. P. 23).

Os potenciais da literatura em relação ao livro didático

De acordo com o Currículo Referência, o estudante deve compreender as categorias de análise da Geografia para entender o objeto de estudo desta ciência, o espaço geográfico. Além de se localizar no espaço e conseguir descrevê-lo através da Geografia, o estudante deve também se situar e se posicionar enquanto sujeito no espaço (GOIÁS, 2013. Pp. 169-170). Para o I bimestre do 6º Ano do Ensino Fundamental, o currículo goiano define como primeira expectativa de aprendizagem “Entender conceitos como os de paisagem, lugar, espaço e território.” (GOIÁS, 2013. P. 192). Tendo em vista esta orientação e o caráter regulamentário do currículo em questão, é necessárias as categorias de lugar e paisagem serem trabalhadas pelos professores de geografia das escolas.

Porém, muitas vezes o trabalho do docente tem como único recurso didático o livro que é distribuído para a escola através de políticas públicas, como a do PNLD¹. Sendo assim, este aspecto pode ser um fator limitante ao aprendizado, pois muitas vezes o livro didático apresenta certas fragilidades e essas tendem a se tornar mais sérias à vista que, em muitas das vezes, esse se apresenta como o único recurso disponível, apesar de existirem outras possibilidades sendo a literatura uma delas.

Para Martins (2017), a Literatura serve como referencial à pesquisa em Geografia. A autora defende com isso que a primeira seja usada mais vezes pela segunda. Para demonstrar essa ideia, a pesquisadora parte da geografia urbana como pressuposto e estabelece que esta área tem como objetivo compreender a cidade enquanto uma rede urbana, um produto de apropriação e de acumulação de vários agentes produtores do espaço. Essa rede urbana se constitui através de ciclos na relação entre capital e trabalho e que perpassam o espaço e o tempo, gerando transições quanto a função do espaço e mediações entre o rural e o urbano, espaços muitas vezes equivocadamente vistos de maneira sobreposta. Essas transições produzem novas morfologias ao espaço urbano, traduzidas na paisagem, na constituição dos territórios, no estabelecimento das divisões sociais, enfim.

¹ Programa Nacional do Livro Didático.

Partindo desses aspectos, Martins (2017) toma *Os Irmãos Karamazov* de Fiódor Dostoiévski como referencial para entender a urbanização da Rússia durante o século XIX e, tendo em vista a historicidade do espaço, encontrar elementos para apoiar compreensões sobre este fenômeno no país atual. A autora contextualiza como o romance transparece aspectos pertinentes ao país eslavo durante o século XIX, feudalismo tardio, controle e ortodoxia religiosas, nacionalismo crescente, industrialização e urbanização em contraposição à servidão, a inexistência de herança e propriedade privada para as camadas sociais mais pobres. Todo esse contexto russo também engloba certas contraposições como os embates culturais, financeiros, tecnológicos e militares envolvendo a Rússia e, por um aspecto ou outro, potências europeias consolidadas, França e Inglaterra, e novas potências financeiras, caso dos Estados Unidos da América.

A Literatura auxilia não só a pesquisa em Geografia, mas também o ensino desta enquanto disciplina do Ensino Fundamental. Tendo em vista Martins (2017), outra pesquisa, (BORBA, 2019), mostra que a seleção de contos da *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi e cujo enredo envolve os rios, servem dialogicamente para enfatizar certos conceitos referentes às bacias hidrográficas, como também para colocar em pauta características das religiões de matriz africana, bem como para provocar discussões cujos objetivos sejam conscientizar os estudantes e desenvolver neles atitudes de compreensão e tolerância às minorias religiosas, em especial as minorias das religiões afro-brasileiras.

O livro didático, por sua vez, é uma importante ferramenta no cotidiano do professor. Porém, mas neste caso insuficiente ao tratar certos assuntos relevantes à Geografia, principalmente em sua dimensão enquanto disciplina escolar. Essa insuficiência pode ser constatada, por exemplo, ao se falar da diversidade religiosa brasileira. Certas coleções não trazem o assunto, muito menos dão precedentes para discussões envolvendo aspectos como número de fiéis das religiões brasileiras, características identitárias de cada uma e os atos criminosos contra os grupos minoritários. Deste modo, é necessário ao professor adaptar o material, sendo o livro de contos uma possibilidade de adaptação (BORBA, 2019).

Os conceitos de lugar e de paisagem são muito importantes para a Geografia na dimensão da pesquisa e do ensino. Contudo os livros didáticos, como os da coleção *Araribá*, trazem limitações, conforme apontam Leite e Sobrinho (2016)

As atividades propostas nas várias unidades pouco valorizam o lugar, pois dificilmente conduz o aluno a pensar o seu lugar para resolvê-las. A exceção se dá na unidade correspondente ao tema, mas mesmo assim, com pouca profundidade. Vale lembrar que, de forma geral, o livro não evidencia qualquer tipo de preocupação com o conceito, nem tampouco suas possibilidades de uso orientadas à aprendizagem do aluno (LEITE e SOBRINHO, 2016. P. 16) .

Outro coleção distribuída em Goiás, a *Expedições Geográficas* (ADAS M e ADAS S, 2015), a despeito da analisada por Leite e Sobrinho (2016), se preocupa sim com o conceito de lugar

Para a Geografia, **lugar** significa, além de porção ou parte do espaço, o nosso espaço de vivência e das relações com outras pessoas, no dia a dia, cuja paisagem conhecemos e com a qual interagimos. Geralmente, o lugar é conhecido por um nome: a rua em que moramos, nosso bairro, a praça, os lugares de compras e de passeios etc. Portanto, em Geografia o lugar é o espaço vivido por nós. (ADAS M e ADAS S, 2015. P. 20)

Esta definição se assemelha a dada por Carlos (2007), ainda que esta autora não conste nas referências da obra em questão de Adas M e Adas S (2015). Porém, estes autores referenciam geógrafos como Lana de Souza Cavalcanti, que é reconhecida por enfatizar a importância de se ensinar as categorias da geografia, como lugar e paisagem. Os autores de *Expedições Geográficas* também fazem mais considerações sobre o lugar, considerando que ele se relaciona com outros lugares, sendo influenciado por redes comunicação e transporte, o que assemelha ao que traz Milton Santos, conforme a citação acima a Schneider (2015). Já a definição daqueles autores para paisagem converge claramente para o professor Milton Santos

Quando se fala em paisagem, muitas vezes o que vem à mente é a vista de um ambiente onde se pode apreciar a natureza, [...] Para a Geografia, o conceito de paisagem é mais abrangente. Segundo o geógrafo brasileiro Milton Santos, paisagem é aquilo que a nossa visão alcança, tudo o que está presente no espaço, não apenas a natureza, mas também elementos criados pelo ser humano. (ADAS M e ADAS S, 2015. P. 16).

Porém, tal qual a obra analisada por Leite e Sobrinho (2016), a preocupação dos autores de *Expedições Geográficas* com os conceitos de lugar e de paisagem, se dá na unidade referente a cada tema, havendo nas demais pouca ou nenhuma retomada a esses conceitos, bem como falta preocupação em tornar significativa o aprendizado das categorias, pois a realidade do estudante não é tomada como partida. Com isso, se torna importante a atuação do professor no sentido de utilizar métodos alternativos ao livro didático para falar do lugar e da paisagem.

Carlos Drummond de Andrade, sua poesia e seu poema

Como ferramenta intelectual para falar das subjetivações de Carlos Drummond de Andrade, a tese de Said (2007) divide o poeta em várias pessoas que representam as faces de um único homem. Para falar da vida pessoal, o pesquisador fala de Drummond como se fosse outra pessoa, que nasceu em 1902 na cidade mineira de Itabira e que mais tarde

Esse sujeito, homônimo do conhecido poeta, mudou-se para Belo Horizonte, no início dos anos de 1920 e, na década seguinte, para o Rio de Janeiro, a então capital federal. Lá ele exerceu cargos públicos nos órgãos responsáveis pela gestão cultural do país e produziu uma extensa obra poética que, como a de seu duplo, se tornou uma das mais representativas obras da literatura do século 20. (SAID, 2007. P. 13)

O primeiro livro, *Alguma Poesia*, foi publicado em 1930 e trouxe o poema *Cidadezinha Qualquer*, que também pode ser obtido gratuitamente em vários portais da internet e em publicações mais recentes, como é o caso da coletânea *Nova Reunião 23 Livros de Poesia* (ANDRADE, 2015. P. 26). Sobre o significado desse poema será considerada a seguinte fala

Acho muita graça quando me perguntam: “O que o senhor quis dizer com aquele verso no poema tal?” Ora, às vezes, nem eu mesmo sei. A poesia é algo muito íntimo, difícil de ser explicada. Basta que produza nos outros um renascer de vivências. O próprio leitor deve dar sua interpretação e, aí sim, a poesia terá razão de ser, isto é, estará cumprindo o seu papel. *Carlos Drummond de Andrade* (SAID, 2007. P. 2012)

Haja vista a concepção que Drummond tem da própria poesia, a interpretação dada aqui ao poema *Cidadezinha Qualquer* é uma interpretação particular e que atende aos objetivos deste trabalho. Sendo assim, lembrando o diálogo de *O Carteiro e o Poeta* (1994), que diz que a poesia não pertence a quem escreve, mas sim a quem precisa dela, agora é preciso entender o lugar e a paisagem a partir do *Cidadezinha Qualquer*.

Este poema está dividido em quatro estrofes, sendo tercetos as duas primeiras e monósticos as duas últimas. Também apresenta em sua primeira estrofe dois versos com rimas ricas, “bananeiras” e “laranjeiras”, e apenas um com rimas pobres, “pomar” e “cantar”.

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar (ANDRADE, 2015. P. 26)

Esses aspectos sugerem ironia por parte do eu lírico. Em geral poemas são textos sofisticados, as rimas, e em especial as ricas, são exemplos disso. Também costumam serem escritos para representar sentimentos e ações que se relacionam com esses, amor e cantar por estar amando por exemplo. Dessa maneira a expectativa é que Cidadezinha Qualquer fale dessas coisas com sofisticação, porém o texto fala de bananeiras e laranjeiras, árvores simples e banais na paisagem brasileira, bem como de pessoas em quintais, representando cotidianos igualmente simples e banais. Nesta perspectiva, amor, pomar e cantar também dão um tom engraçado e gracioso à descrição.

A segunda estrofe traz três versos que terminam sempre com o mesma locução, “vai devagar”, e que por isso servem para enfatizar a lentidão e repetição das ações no espaço descrito pelo eu lírico. Além de casas em meio de pomares com bananeira e laranjeiras, homens e animais caminhando também dão a ideia de uma paisagem bucólica.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar. (ANDRADE, 2015. P. 26)

Na terceira estrofe objetos inanimados, janelas, executam uma ação, olhar, formando uma metáfora que dá a entender que as pessoas que estão na janela das casas dessa cidadezinha qualquer estão olhando para as pessoas cantando tranquilamente em quintais arborizados e de vida pacata na qual nas calmas ruas caminham devagar animais e mais pessoas. Essa segunda estrofe também fornece uma conclusão sobre a paisagem para que nas últimas estrofes exista hesitação e quebra de expectativa, o que torna novamente o texto engraçado.

Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus. (ANDRADE, 2015. P. 26)

O lugar e a paisagem a partir do poema *Cidadezinha Qualquer*

É fundamental conceituar para os estudantes as categorias. Em Carlos (2007) o lugar é a porção do espaço com a qual o indivíduo estabelece uma identidade. Essa identidade não é viável em uma grande extensão espacial, caso de uma metrópole. Ali o indivíduo estabelece identidades com vários espaços das cidade, ou seja, cria vários lugares como, por exemplo, o bairro em que mora, o templo religioso que frequenta, uma determinada feira ou praça etc.

Por outro lado é viável estabelecer uma única identidade de lugar na pequena cidade, porte da maioria dos centros urbanos brasileiros.

A contradição lugares na metrópole e lugar na pequena cidade serve de ponto de partida para o professor de geografia, pois permite incentivar nos estudantes reflexões sobre a extensão da cidade em que vivem e dessa questão provocar uma segunda, minha cidade é meu lugar ou nela existem vários lugares meus? Qualquer que seja a resposta, é necessário justificar o raciocínio. Tendo em vista essas perguntas e a paisagem descrita no poema, os estudantes podem realizar exercícios que os levem a pensar se o seu lugar (ou lugares) se parece como a descrição de *Cidadezinha Qualquer* e se toda cidade pequena é igual a do poema. Para isso, é viável incentivar o jovem a pensar: como vivo em meu lugar e como vivem as pessoas as outras pessoas que também vivem nele? Quais são e por quais motivos existem modos de vida diferentes em meu lugar? Nesse interim é importante que professor e estudantes elenquem pontos da cidade e do bairro que sejam reconhecidos como seus lugares e de outras pessoas. O uso de fotografias pode ser enriquecedor, bem como as narrativas dos estudantes.

O poema em questão serve também a outros propósitos, lembrar a paisagem da cidade em que se vive e compará-la com o da cidade descrita no texto. A paisagem também deve ser conceituada aos estudantes, sendo Santos (1988) uma referência. Resumidamente o autor informa que a paisagem é aquilo do espaço que é captado pelos sentidos humanos e ao relacioná-la com a cidade, o autor informa

A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. O que se chama desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado. Somente uma parte dos objetos geográficos não mais atende aos fins de quando foi construída. Assim, a paisagem é uma herança de muitos momentos, já passados, o que levou Lênin a dizer que a grande cidade é uma herança do capitalismo, e veio para ficar, devendo os planejadores do futuro levar em conta essa realidade. Daí vem a anarquia das cidades capitalistas. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais. (SANTOS, 1988. P. 23).

Tomando como partida essa relação, cidade capitalista e paisagem, o professor pode em suas aulas propor outras ações. Uma delas é definir o que é e quais são os aspectos locais e os globais. Outra ação é identificar esses aspectos nas paisagens dos lugares dos estudantes e refletir sobre a paisagem da cidade narrada no poema, se existe ali aspectos globais e que exemplos deles são omitidos pelo texto. A relação cidade e paisagem também permite mais

aprofundamentos, lembrando Santos (1998) sobre heterogeneidade e movimento global. O exame dessa relação viabiliza pensar sobre quais são os tipos de desigualdades sociais e econômicas percebidas através da paisagem, também como elas se relacionam à globalização. Espera-se com isso incentivar os estudantes a raciocinar se elas são evidentes na paisagem dos próprios lugares e na do poema.

Considerações Finais

As categorias de lugar e paisagem são fundamentais para a Geografia enquanto ciência compreender o seu objeto de estudo, o espaço geográfico. Por isso são amplamente estudadas, definidas, sistematizadas e referenciadas pelos geógrafos em nível acadêmico (CARLOS, 2007; SANTOS, 1998; SCHENEIDER, 2015). O estudo dessas categorias como parte do conteúdo escolar também é defendido pelos currículos oficiais (GOIÁS, 2013) e pelos geógrafos, sejam eles autores de livros didáticos (ADAS M e ADAS S, 2015) sejam eles estudiosos da geografia escolar, como são e como referenciam Leite e Sobrinho (2016).

Por outro lado, apesar de toda a relevância que as categorias de lugar e paisagem têm para a Geografia em caráter acadêmico ou escolar e apesar de seu ensino ser defendido pela produção de vários geógrafos e pelos currículos oficiais, a abordagem delas é insuficiente e ou inadequada em boa parte dos livros didáticos distribuídos nas escolas públicas. Conforme Leite e Sobrinho (2016) demonstram, as categorias são pormenorizadas porque são tratadas sem que seus conceitos sejam claramente definidos, também porque os demais percursos do livro não as retoma e porque, como no caso do lugar, não toma a vivência do estudante como pressuposto! Esses dois últimos porquês se aplicam especificamente às *Expedições Geográficas* (ADAS M e ADAS S, 2015).

Em contraposição, a literatura se mostra como um caminho alternativo e viável ao servir como referencial para as investigações da Geografia, conforme demonstra e incentiva Martins (2017). Também ao servir ao ensino da ciência enquanto disciplina escolar (BORBA, 2019). Dentro dessa relação, o poema *Cidadezinha Qualquer* (ANDRADE, 2015) serve como um caminho literário para se abordar conteúdos como as categorias de lugar e paisagem, pois além de trazer referências a essas categorias, serve também como ponto de referência para que os estudantes elaborem ferramentas intelectuais no sentido de identificá-las na própria

vivência, de estabelecer similaridades e contradições com o que é trazido pelo poema, de produzir críticas quanto ao espaço em que vivem, considerando as relações entre o que é local e o que é global, bem como as heterogeneidades causadas por essa relação, principalmente as socioeconômicas.

A todos esses fatores adiciona-se mais um, é importante conhecer e se adaptar a outras formas de percepção/expressão para além de textos dissertativos, mapas, gráficos, tabelas, fotografias, entre outras nas quais muitas vezes se baseiam as aulas de Geografia. A literatura e outras formas de arte podem tornar mais rica a experiência pedagógica, inclusive por construir e dizer aos estudantes aspectos indizíveis por meio de abordagens tão somente verbais.

Referências

- ADAS, M. ADAS, S. **Expedições Geográficas**. 6º Ano. São Paulo: Editora Moderna, 2015.
- ANDRADE, C. D. **Nova Reunião 23 Livros de Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BORBA, W. G. de. A Mitologia dos Orixás em Aulas de Bacias Hidrográficas: o Ensino e os Diálogos Sobre Intolerância Religiosa. In.: **Revista Inter-Ação**, v.44, n.2, p. 294-308, maio/ago. 2019.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo de Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás**. Goiânia, 2013. Versão Experimental. Disponível em: <http://www.seduc.go.gov.br/impressao/documentos/arquivos/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia%20da%20Rede%20Estadual%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Goi%C3%A1s!.pdf> Acesso em: 27 de janeiro de 2020.
- O CARTEIRO E O POETA. Direção de Michael Redford. Produção de Mario Cecchi Gori *et. al.* Itália: Cecchi Gori Group, 1994. Arquivo em formato AVI. (109 min.)
- LEITE, C. M. C. SOBRINHO, H. de C. Abordagem do Lugar no Livro Didático de Geografia do 6º Ano do Ensino Fundamental. In: **Revista Cerrados**, Montes Claros, v. 14, n. 2, p. 125-140, jul/dez-2016.
- MARTINS, I. M. M. A Geografia da Cidade e das Transformações Urbanas na Obra de Fiódor Dostoiévski: O Espaço em Os Irmãos Karamázov. In.: **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 37, n. 3, p. 509-527, 19 dez. 2017.
- SAID, R. A. do C. **Quase biografia: poesia e pensamento de Drummond**. 2007. 282 f. Tese (curso de Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- SANTOS. M. **A Metamorfose do Espaço Habitado**, Fundamentos teórico e metodológico da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SCHNEIDER, L. C. Lugar e não-lugar: espaços da complexidade. In.: **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 1, jan./jun. 2015. P. 65 – 74.